

---

# A Pesquisa de Memória Viva - Uma experiência da sua utilização na Formação dos Professores de Geografia

Maria del Carmen Matilde Huertas Calvente\*

Jeani Delgado Paschoal Moura\*\*

Ideni Terezinha Antonello\*\*\*

## Resumo

A técnica de pesquisa de memória viva é um instrumento eficaz que pode ser utilizado, no ensino de Geografia, nos níveis Fundamental, Médio e Superior, para relacionar o conteúdo discutido em sala de aula com o meio pesquisado. Esta proposta de ensino permite desenvolver um estudo sobre o espaço, entendendo-o como o resultado materializado do trabalho social, revelado pelas temporalidades de desenvolvimento e de tecnificação de uma determinada sociedade. Essas temporalidades emergem na subjetividade transmitida no discurso oral – memória viva dos sujeitos sociais, no momento em que discorreram sobre a sua trajetória de vida, do seu lugar, da sua existência, presente nos textos produzidos pelos grupos de discentes a partir da aplicação dessa técnica de pesquisa no trabalho de campo em Jataizinho/PR, nos quais afloram os momentos ou períodos do processo histórico brasileiro. Percebe-se que, na busca da união teoria-prática, obteve-se o resultado almejado, pois a experiência ensejada na realização de um trabalho de campo interdisciplinar demonstrou a importância de se trabalhar ancorado na realidade concreta, pois a partir da vivência empírica emerge as transformações sócio-espaciais, as quais podem ser apreendidas pelas várias abordagens que fundamentam o ensino-aprendizagem do futuro profissional de Geografia.

**Palavras-chave:** memória viva, teoria e prática, trabalho de campo, ensino de Geografia.

---

## THE RESEARCH OF ALIVE MEMORY – AN EXPERIENCE OF ITS USE IN THE FORMATION OF THE TEACHERS OF GEOGRAPHY

### Abstract

The Technique research of alive memory is an efficient instrument that can be to make use of Geography teaching, in the essential levels, Median and Superior to relate the content debated in the classroom with the searched center. That education proposal allow to develop a learning about the space, discerning it like the materialistic result of the social labor, disclosed for the temporization development and technology of the a resolute society. That temporizations emerge in the subjectivity transmitted in the oral discourse – alive memory socials subjects, in moment that traverse over your life trajectory in that place, in your existence, being before in the text produced by professors aggregations from applying of that technique search in the work area in Jataizinho/PR, where appear the moments or periods brazillian historical process. Perceive that quest of the alliance theory and practice, got the long for result, the experience opportunity in the realization work area interdispleasure proved the amount of operate supported in the concrete reality, therefore from empiric existence emerge the associate areas, such as can be apprehended by several boarding that establishing the teaching and apprenticeship of the future professional Geography.

**Key-words:** Alive Memory, theory and practice, work area, Geography teaching

---

\* Docente do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: calvente@uel.br.

\*\* Docente do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: jeani@uel.br.

\*\*\* Docente do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: antonello@uel.br.

## INTRODUÇÃO

Com base nesta experiência de ensino é possível construir, juntamente com alunos e professores, a memória de um lugar, valorizando a oralidade, já que, por intermédio dela, pode se reconstituir a história de qualquer lugar que seja de interesse do grupo envolvido na pesquisa, obtendo, assim, informações suficientes para a produção e não simplesmente “reprodução” do conhecimento.

Assim, o presente artigo está estruturado em duas partes. A primeira dedica-se à análise da técnica de pesquisa de memória viva como um instrumento útil no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, focalizando a importância de se reconstruir subjetivamente o objeto de estudo. A segunda parte refere-se à pesquisa de memória viva como mecanismo de apropriação da subjetividade das transformações do espaço brasileiro, ou seja, realiza-se uma discussão da utilização do trabalho de campo, como um instrumento fundamental, na busca da união da teoria com a prática, no ensino de Geografia, especificamente, Geografia do Brasil.

### A TÉCNICA DA PESQUISA DE MEMÓRIA VIVA COMO INSTRUMENTO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Por memória viva podemos entender as imagens conservadas na memória. É voltar a sentir sensações de alegria e tristeza de fatos vividos. É conhecer, recriar, reconstruir e retratar os fatos ocorridos no passado e, com visão crítica e de análise, associar as mudanças do meio no decorrer dos tempos. (CETESB, 1986, p. 47)

A *pesquisa de memória viva* será apresentada neste artigo como um método que pode ser utilizado no processo de ensino-aprendizagem formal e informal e que não está restrito a uma utilização feita apenas pelos especialistas. Como pode ser constatado na citação acima, esta denominação foi resgatada de textos da década de 1980 que procuravam auxiliar o trabalho informal de educação ambiental. Seu foco é específico: o lugar e, portanto, as lembranças do entrevistado com relação às transformações do lugar. Como um método que pode ser utilizado pelos professores do ensino mé-

dio e fundamental, não especialistas em História, sua denominação como *memória viva* o diferencia da *História Oral*, que possui uma epistemologia e vários embates teóricos realizados dentro das Ciências Humanas.

Segundo Gattaz (1996) a *História Oral* tem sua origem no método de histórias de vida utilizado pela escola sociológica de Chicago, tendo sido institucionalizada e divulgada pela Universidade de Colúmbia, em Nova York, que reforçou seu caráter sistemático. O autor ainda informa que os trabalhos produzidos podem ser divididos em dois ramos: História Oral temática e História Oral de vida. A *História Oral temática* utiliza frequentemente a documentação escrita em conjunto com a oral, e analisa os testemunhos relacionando-os a algum assunto em específico, fazendo recortes nas entrevistas, e ajusta estes recortes ao assunto abordado. Um exemplo da metodologia da *História Oral de vida*, o outro ramo, apresentado por Gattaz (p. 248-249), é o trabalho de Passerini, *Fascism in popular memory*, o qual:

[...] traz uma abordagem distinta dos testemunhos orais, usados no trabalho pelo que dizem, direta ou indiretamente, sobre o lado cotidiano da cultura, abrindo caminho para a análise do comportamento na sociedade. [...] Percebe-se ainda nos depoimentos como a tradição e a ideologia relacionam-se dentro de um padrão cultural, explicitando uma “mentalidade coletiva” que determina as atitudes individuais face ao contexto histórico-social. Através da História Oral de vida, Passerini compõe em seu estudo uma verdadeira “galeria de autorretratos”, onde a análise dos estereótipos e formas narrativas permite a identificação de identidades coletivas.

### A abordagem aqui realizada

A *pesquisa de memória viva* será aqui abordada como um instrumento que pode ser utilizado, no processo de ensino-aprendizagem de Geografia, para relacionar o conteúdo discutido em sala de aula com o meio pesquisado. Pode, também, auxiliar os professores de Geografia do ensino fundamental e médio que estiverem trabalhando em municípios que não são os de sua vivência a construírem um

discurso, em sala de aula, significativo para os educandos, e entender o universo cultural no qual os seus alunos estão inseridos.

Para iniciar, é importante observar que alguns estudos da Psicologia indicam que, até os sete ou oito anos, a criança ainda não desenvolveu critérios diversificados na valorização do meio, já que até então esta valorização é predominantemente afetiva, não ocorrendo uma diferenciação clara entre espaço – pessoa – afetividade (em uma pesquisa receberam, como resposta, a seguinte: *o lugar que eu mais gosto é a minha mãe*). Urrútia (1981, p. 81) ressalta a importância de entender a valorização do meio no processo educativo, independentemente da faixa etária dos educandos, na perspectiva de favorecer as relações entre as pessoas, visto que:

A nivel social o psicosocial la valoración del medio habrá que hacerla desde la perspectiva de cómo este favorece o entorpece las relaciones entre los individuos. [...] Si queremos que la calidad mejore y que el niño sea un ciudadano activo, los ejercicios de valoración del medio, aparte de su validez como instrumento didáctico para múltiples materias, serán imprescindibles.

Enfocando especificamente o ensino superior, entende-se que, se se está imerso no cotidiano escolar na leitura de textos científicos, na compreensão de conceitos, na procura de informações ou na abordagem técnica de determinados elementos dos sistemas naturais, durante a realização da pesquisa de memória viva, ocorre uma suspensão desse cotidiano e passa-se a treinar a nossa capacidade em algo que parece ser muito simples, mas não o é: *ouvir o outro*, sem um pré-julgamento de sua competência para ensinar. E isso se mostra importante, mesmo no processo de ensino-aprendizagem formal, porque durante esse exercício o aprendizado de cada um sai da esfera do individual e caminha para a esfera do coletivo. Podem-se utilizar as palavras de Kersten (1998, p.30), quando discute patrimônio cultural e tradição:

Na realidade, passa-se de uma noção individual, de algo que é *propriedade* do indivíduo, importante para ele, para algo ou alguma coisa que é de interesse *comum*, que transcende a individualidade

e aponta para o coletivo, para o interesse de um grupo ou de uma comunidade, para algo que *pertence* ao grupo ou à comunidade. Esta noção de *pertencimento* une as pessoas em torno de ideais comuns e projetos societários.

Assim, a experiência de ouvir as histórias de vida dos mais velhos, com relação ao meio, permite reconstruir o presente, tomando-se por base histórias individuais, caminhando para o entendimento de uma história comum, fortalecendo as identidades coletivas e as relações sociais no presente. Entretanto não pode escapar as subjetividades inerentes à memória, que vai estar imersa em conotações ideológicas, uma vez que:

[...] a possibilidade de evocar o passado estaria associada a idéias e valores, a espaços ou objetos, como um recurso mnemônico, acionado dentro de um campo simbólico a partir dos capitais culturais disponíveis, definidos por aqueles a quem coube recuperar os *factos*, agregando-os e dando-lhes sentidos. (KERSTEN, 1998, p. 35)

Há que se considerar essa subjetividade e as relações de poder locais ao analisar a memória de cada um dos entrevistados e, portanto, uma reflexão com os alunos anterior à escolha dos informantes qualificados é de extrema importância, porque se pode correr o risco de apenas entrevistar as pessoas que possuem maior poder na conservação da história do local abordado (eventualmente considerados os especialistas locais).

Sob esta perspectiva, o patrimônio que se preservaria seria o referido à história dos vencedores; aliada à tradição, a história seria contada a partir deles. Os homens do presente reordenariam e dariam sentido aos fatos pretéritos, reconstruindo o passado e a memória. A lógica desta reconstrução seriam sempre dada pelo presente. (KERSTEN, 1998, p. 35)

A memória viva é uma reconstrução subjetiva, e o entrevistado seleciona, conscientemente ou não, o que irá lembrar e contar. É necessário, porém, com esta ressalva, deixar a discussão da subjetividade na memória, e entrar na abordagem específica que

se quer dar a este artigo: a utilização da memória oral da comunidade como instrumento que pode auxiliar os alunos e professores de Geografia. A organização da atividade prática que resultou nestas reflexões, a princípio, foi feita em uma disciplina ligada à formação dos licenciados de Geografia na Universidade Estadual de Londrina e tinha como objetivo experimentá-la como um instrumento didático. Realizando a pesquisa de memória viva, os professores do ensino fundamental e médio poderão ministrar aulas com maior interação e dinamismo, e as discussões realizadas terão maior significado para os alunos. Além disso, o processo de preparação, realização da pesquisa e discussão dos resultados, desenvolverá uma série de capacidades dos educandos, que podem ser exemplificadas como se segue, baseadas na listagem de capacidades que podem ser estimuladas por aulas não expositivas, realizada por Bordenave e Pereira (1994):

- perceber a realidade, descrever situações e adquirir conhecimentos e informações (capacidade de observar);
- distinguir pontos-chave, relações e partes de um todo (capacidade de analisar);
- repensar a realidade, associar, generalizar, inferir, deduzir, formular hipóteses, pesquisar, extrapolar (capacidade de teorizar);
- julgar, avaliar, discutir valores, apreciar, criticar, debater (capacidade de sintetizar);
- planejar, organizar e executar (capacidade de aplicar e transferir o aprendido).

Ou ainda, podem-se entender as transformações nas maneiras de pensar a educação formal, e compreender como a pesquisa de memória viva pode auxiliar na construção de um currículo democrático:

[...] los elementos constitutivos de un curriculum democrático son tres. El primero es la *cultura crítica*, donde el énfasis se pone en los dos términos. No sólo se trata de saber leer e escribir, sino que son importante determinados tipos de disposiciones, por ejemplo, *la motivación y la capacidad para la crítica de lo que se lee, ve y oye; comprobar y superar las apariencias superficiales y cuestionar el saber común*. El segundo elemento incluye conocimiento y comprensión de las diversas tradiciones intelectuales, culturales y

científicas, lo cual no se limita a las tradiciones de la cultura superior o de elite y a las disciplinas académicas. Se requiere ir más allá de éstas, a *las historias y perspectivas culturales de la gente que han quedado tradicionalmente al margen del estudio formal*. Por último, incluir la *capacidad para usar el conocimiento y la habilidad con el fin de crear y perseguir los intereses propios; de producir personal informado y adoptar decisiones políticas, y de trabajar por el bienestar de la comunidad*. (GAUDIANO, 1997, p. 72)

### **A pesquisa de memória viva e a Geografia escolar**

A Geografia escolar tem repensado o seu papel nesta sociedade em mudança, indicando novos métodos de ensino que possam contribuir para a melhoria de sua prática em sala de aula. Apesar das propostas para o ensino de Geografia demorarem em se consolidar na escola, é possível observar algumas mudanças em seu cotidiano, haja vista as experiências relatadas com base em levantamentos realizados pelos estagiários do 4º Ano do Curso de Geografia da UEL, nos anos de 2001 e 2002. Esses levantamentos mostram, por um lado, a existência da reprodução de uma Geografia totalmente tradicional, bancária, que não consegue satisfazer nem aos alunos, nem aos professores; mas, por outro, mostram também o comprometimento de muitos profissionais com a melhoria de seu ensino, relatando mudanças significativas no fazer Geografia em sala de aula.

A Geografia escolar tem como princípio auxiliar na formação de cidadãos críticos com condições de realizar a leitura do espaço e dos fenômenos que esses vivenciam, diretamente ou não, como construtores de sua própria história. O movimento dialético entre o cidadão e seu espaço gera uma espacialidade que poderá ser desvendada mediante os fundamentos que a ciência geográfica pode oferecer. O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, portanto é preciso propor meios eficazes para que os alunos possam entendê-lo na sua concretude.

Nesse sentido, a pesquisa de memória viva torna-se eficaz para os alunos de ensino Fundamental e Médio, já que fornece subsídios para a

compreensão de que, em suas formas naturais e construídas, o espaço acumula tempos diferentes. Tendo por base essa metodologia, os alunos terão condições de observarem, mais atentamente, os objetos construídos, perceberão o espaço como o resultado do acúmulo de técnicas de idades diferentes e saberão que, mesmo quando as formas se mantêm no espaço, com o passar do tempo geralmente mudam de função, porque existem diferentes grupos sociais atuando como agentes históricos nessas transformações.

Esta técnica de ensino pode ser realizada por intermédio de informações obtidas em diversas fontes, entre elas a oral, que consiste em entrevistar pessoas da comunidade com relação às transformações do meio e utilizar essas entrevistas para fazer uma relação com o conteúdo ensinado em sala de aula. Proporciona aos alunos a possibilidade de, em contato com as lembranças do antigo meio, utilizar o raciocínio abstrato e refletir sobre as causas e conseqüências das mudanças do meio no decorrer dos tempos. Consta de algumas etapas:

a) é escolhido, com os alunos, um local/bairro/cidade para realizar as entrevistas ou sugere-se que as entrevistas sejam realizadas com os familiares, dependendo dos objetivos da pesquisa;

b) os alunos dividem-se em grupos, de aproximadamente cinco pessoas, que devem levar ao campo um gravador, um roteiro e, se possível, uma máquina fotográfica;

c) ocorre, em sala de aula, uma discussão dos objetivos da pesquisa e da necessidade de encontrar um informante qualificado: pessoas que apresentem tendência a conversar, ouvir e dialogar, com raízes antigas no local/bairro/cidade;

d) o relatório de pesquisa a ser entregue pode ser discutido e organizado em alguns itens, como, por exemplo: 1) os objetivos da pesquisa realizada; 2) uma transcrição da entrevista ou um resumo dos principais aspectos abordados pelo entrevistado; 3) como aquela entrevista, em específico, pode dar informações sobre o local ou tema em questão e 4) bibliografia (se for o caso);

e) os alunos discutem e elaboram um roteiro que apresenta tópicos que deverão ser destacados pelos entrevistadores, caso o entrevistado não os enfoque de maneira espontânea. Um roteiro para as entrevistas pode ser o seguinte: 1) infância

(pais, familiares, dia a dia, brincadeiras); 2) casa (onde e como morava); 3) escola (prédio, trajeto casa-escola, sistema de ensino); 4) atividades de lazer; 5) bairro (o que era antes, casas, áreas de uso coletivo); 6) rios e riachos (qualidade e utilização das águas); hábitos alimentares; 7) abastecimento de água; 8) festas religiosas; 9) política e os políticos; 10) atividades econômicas; 11) meios de transporte; e 12) meios de comunicação (CETESB, 1986);

f) uma aula (ou mais, se necessário) é agendada para a discussão oral dos resultados do trabalho de campo e de sua relação com o conteúdo abordado;

g) o trabalho pode ser concluído ou então os grupos poderão continuar a pesquisa selecionando pontos específicos, incluindo nesta etapa a pesquisa bibliográfica. O trabalho pode conduzir, também, à realização de um estudo do meio (CALVENTE, 1998), considerando então a pesquisa da memória viva como uma etapa preliminar.

### **A experiência realizada e os depoimentos**

No ano letivo de 2002/2003 (híbrido, em virtude da reposição de uma longa greve) os alunos do 4º ano noturno do Curso de Geografia, divididos em grupos, e acompanhados de quatro docentes (das disciplinas de Instrumentação no Ensino de Geografia, Prática de Ensino de Geografia, Recursos Naturais e Geografia do Brasil), fizeram uma pesquisa de memória viva em Jataizinho, município próximo a Londrina.

O Município de Jataizinho é a mais antiga comunidade do Norte do Paraná (REIS, 1985). A origem da cidade está ligada à Colônia Militar e ao Aldeamento São Pedro de Alcântara. Mediante o estudo desse município, é possível abordar as formas de ocupação do solo (assim como o desenvolvimento do Norte do Paraná em virtude da agricultura cafeeira), o papel da Companhia de Terras Norte do Paraná, o desenvolvimento da agricultura e pecuária, a importância da atividade oleira para a região (observando o grande número de olarias, nota-se que são responsáveis por significativa parcela dos tijolos e telhas utilizados na construção de Londrina), a introdução de outros produtos agrícolas, inclusive o algodão, com grande importância na economia regional, e também as relações sociais de produção, entre outros temas.

A ida a campo tinha sido organizada anteriormente, e os grupos receberam uma planta do núcleo urbano, com alguns quarteirões delimitados para o trabalho de cada grupo. Uma listagem prévia, fornecida pela prefeitura, indicava alguns nomes de pessoas que poderiam ser entrevistadas. O mais interessante foi estimular os alunos a procurarem os informantes livremente, sem ficarem restritos à listagem, evitando conduzi-los aos especialistas indicados e, assim, no conjunto de quarteirões destacados, os membros do grupo foram orientados a conversar com as pessoas que encontrassem e tentar encontrar os seus informantes qualificados. A listagem poderia ser utilizada, caso ocorressem dificuldades.

Os grupos, na maioria, selecionaram informantes que não estavam na listagem e receberam uma recepção calorosa, entendendo isso como uma característica da população de pequenas cidades do interior do Paraná. As pessoas abordadas demonstraram prazer em contar suas histórias de vida relacionadas ao meio, uma entrevistada entregou fotografias preciosas e antigas para serem reproduzidas, confiando em uma posterior devolução (que foi feita o mais rápido possível), um grupo foi convidado a partilhar o churrasco (era um domingo), e ainda outro grupo foi convidado a retornar para que a família pudesse organizar um churrasco para esses alunos. Enfim, as pessoas estavam dispostas a contar suas histórias, e o fato de serem entrevistadas foi de extrema importância, significando uma valorização do seu conhecimento com relação ao meio e do papel que tiveram na sua transformação. Para concluir brevemente este tópico, alguns pequenos trechos dos depoimentos dos alunos com relação à experiência serão transcritos a seguir:

Para conhecer a história de algumas localidades, é indispensável lançar mão deste método, ou seja, entrevistar pessoas idosas (com experiências vividas), porém lúcidas, pois a memória destas pessoas é um importante banco de dados que poderá trazer inúmeros elementos que talvez não existam em livros ou museus. (FERRACIOLI et al, 2002, p. 1)

A partir da experiência vivida pelo entrevistado pudemos extrair questões reflexivas, algumas

de cunho psicológico, outras relativas às modificações do espaço. Em suma, pudemos através desta simples experiência refletir sobre a sociedade e sua transformação ao longo dos anos. Requer salientar a importância de revermos os conceitos do que é velho e do que é novo, afinal conhecendo e valorizando o passado melhor viveremos o presente e construiremos um futuro. (MARCOS et al, 2002, p. 7)

Na entrevista realizada com Dona Tunica, a qual tem mais de 90 anos, vários assuntos importantíssimos foram abordados: como a cidade era antes, como as pessoas se vestiam, como se alimentavam, como a cidade era administrada, a economias, as personalidades e suas incríveis histórias. Um professor exercendo sua função, hoje, em Jataizinho, poderia criar vários projetos embasados por esta entrevista. Um deles poderia ser o Projeto Histórias de Dona Tunica. Conforme vimos, Dona Tunica tem uma grande alegria na vida, a de conversar com as pessoas, principalmente os mais jovens. (BATILANA et al., 2002, p. 9)

## **A PESQUISA DE MEMÓRIA VIVA COMO MECANISMO DE APROPRIAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DAS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO BRASILEIRO**

Pode-se considerar que a metodologia de pesquisa, baseada na utilização da técnica memória viva, proporciona para o desenvolvimento de discussões teóricas, realizadas em sala de aula, uma reflexão viva do processo histórico das transformações do espaço brasileiro.

Refere-se ao espaço brasileiro, já que a presente análise tem como intuito apresentar as possibilidades que se apresentam com a utilização da pesquisa pautada na memória viva dos atores sociais de um lugar, na prática do trabalho de campo, aplicado à disciplina Geografia do Brasil. A experiência ensejada por essa disciplina, juntamente com as demais disciplinas citadas anteriormente, traduz a importância do trabalho de campo como mecanismo metodológico fundamental para a construção do conhecimento que extrapole a “cultura da passividade”, a qual se alicerça nos pressupostos tecnicistas.

Assim, na perspectiva de fazer o aluno refletir, analisar, interpretar, compreender e abstrair da experiência empírica as transformações sócio-espaciais é que se torna essencial à realização do trabalho de campo como instrumento para o ensino de Geografia. Por conseguinte, obter a consolidação da compreensão teórica.

A busca da construção do conhecimento, baseada no pensamento crítico, requer os instrumentos necessários para criar no discente a intencionalidade do pensar e agir, ou seja, aproximar de forma direta à teoria da prática na formação do futuro docente.

O processo de aproximação teoria-prática proporciona o confronto da postura de neutralidade propagada pela educação tecnicista, no sentido que ela orienta o profissional a seguir os modelos positivistas de pesquisa e atuação profissional, o que não deixa vazão para o pensamento crítico e, sim, se fazem presente nos pensamento fragmentados destituídos de síntese conceitual.

Ressalta-se que a educação tecnicista se fundamenta na premissa de uma formação técnica do futuro professor, pois é pautada e organizada com base na linguagem da eficiência e da lógica, no momento em que a aprendizagem é concebida como um problema técnico de gerenciamento fruto da concepção que o bom profissional deve ser moldado/educado a partir de um treinamento por competência técnica. Por conseguinte, os principais sujeitos envolvidos no processo educativo – o professor e aluno – assumem uma postura de conformidade, ou seja, a concepção técnica de educação afasta a participação ativa do professor e do aluno no processo educacional.

Dessa forma, o professor é incentivado/educado para ser seguidor de livros, regras, modelos, isto é, o professor não é criado para produzir conhecimento ou se envolver em interpretações e pesquisas. Nesse sentido, cabe ao “bom aluno” ser “seguidor do mestre” sem questionamentos e discussões, pois está sendo educado para fazer parte do modelo de sociedade vigente, esse fundamentado na competência técnica e conformista.

A materialização do modelo tecnicista na educação é vivenciada no processo formativo acadêmico no momento em que as teorias e conteúdos são tratados de forma segmentada sem tomar

uma forma significativa e socialmente relevante, já que são apresentados em uma seqüência lógica, sem reflexões críticas e desvinculadas do mundo social. Tal postura levou Kincheloe (1997, p. 31) afirmar que:

[...] consistentes com os pressupostos tecnicistas sobre neutralidade e objetividade, muitos professores de educadores acreditam que os estudantes deveriam aprender um pouco sobre cada teoria cognitiva importante para então fazer suas próprias escolhas. Esta abordagem é de muitas formas uma anulação da responsabilidade pedagógica porque ela ignora o significado de cada teoria, seu poder explanatório, sua dimensão epistemológica e, especialmente importante [...] suas implicações políticas.

No contexto de uma prática acadêmica voltada para formar profissionais afastados da dimensão política, resulta em uma formação marcada pela separação entre o mundo vivido e o conhecimento, congelando o processo de autoconhecimento do seu cotidiano como cidadão e de profissional atuante. Por conseguinte, não proporciona o desencadear do conhecimento em uma relação dialética entre o sujeito portador do conhecimento e o objeto de análise. No momento em que se escamoteia que as “[...] percepções subjetivas estão dialeticamente relacionadas com o mundo social e não simplesmente o espelham” (GIROUX, apud SILVA, 2002, p. 62), nesse contexto, torna-se clara a relevância do trabalho de campo como “prática andante de fazer Geografia”, como defende Silva (2002, p. 62):

O trabalho de campo constitui-se em instrumento fundamental para essa “leitura”, por meio da qual se desvenda o entorno e se estabelece a mediação entre o registro, o conhecimento já sistematizado e informado e seu significado, auferido através de um processo dinâmico e dialético para o entendimento da realidade, especialmente naquilo em que ela se apresenta como inexplicável, por isso mesmo instigadora.

Dessa forma, acredita-se que a técnica de memória viva permite superar as limitações impostas pela visão tecnicista de educação, pois proporciona

na “prática andante de fazer Geografia” um instrumento que traz para a cena do ato de apreender, entender e compreender as transformações do espaço o ator principal, o homem, no momento em que o espaço geográfico é social, fruto do processo histórico de uma sociedade em constante movimento de produção de sua existência.

O trabalho social materializado, no transcorrer do tempo, deixa as marcas no espaço, revelando as temporalidades do desenvolvimento e de tecnificação de uma sociedade. Estas temporalidades emergem no discurso oral – memória viva dos sujeitos sociais. A subjetividade transmitida no discurso oral evidencia a apreensão das transformações processadas no território, uma vez que, como coloca Santos (1997, p. 258):

No lugar, nosso Próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo.

Nesse sentido, como defende Santos e Silveira, é possível considerar o território como revelador da organização sócio-espacial, ou seja, capturar as mudanças desencadeadas no território como alicerce da análise e, dessa forma “fazer falar a nação pelo território”. (2001, p. 27)

Observa-se que se pode aproximar a teoria do empírico via a análise do discurso oral dos sujeitos sociais, no momento em que discorrerem sobre sua trajetória de vida, do seu lugar, da sua existência. Essa subjetividade é alimentada pela experiência concreta, por conseguinte, os levam a tecerem comentários da sua apreensão do território nacional, no decorrer do processo histórico, o qual está imbuído da experiência individual e coletiva (sociedade), portanto, emergindo as transformações do território. Essas transformações apreciadas no olhar do senso comum demonstram a sua aproximação com a tese proposta por Santos e Silveira (2001) da periodização do processo histórico brasileiro para compreender a organização do território nacional, ou seja, ter o “território como fala privilegiada da nação”. Para atingirem seu intuito os autores propõem (2001, p. 27):

Três grandes momentos poderiam, grosso modo, ser identificados: os meios “naturais”, os meios técnicos e o técnico-científico-informacional. Por intermédio de suas técnicas diversas no tempo e nos lugares, a sociedade foi construindo uma história dos usos do território nacional.

Ressalta-se que se tornou necessário colocar as idéias principais dos autores, acima citados, porque se ancorou na sua tese da periodização da produção do espaço brasileiro para o desenvolvimento da disciplina Geografia do Brasil. Assim, valendo-se do referencial teórico histórico-social da organização do território nacional se direcionou a concretização de atividades acadêmicas de campo, na busca de instigar o desenvolvimento da observação, da análise e da crítica da realidade, no lugar de sua manifestação, via a técnica de memória viva, que revela as complexibilidades e contradições dos atores sociais que “fazem falar o território”.

Nessa perspectiva, foi realizado o trabalho de campo na cidade de Jataizinho, anteriormente comentado, o qual demonstrou a sua importância na aproximação teoria-prática no caminho trilhado na busca de “[...] compreensão do real, do presente, como ato de descortinar seu conteúdo, sua gênese, resulta da mediação entre teoria e prática.” (SILVA, 2002, p. 67)

A união teoria e prática pode ser visualizada ao se analisar o discurso oral do sujeito de pesquisa presente nos textos de campo produzidos pelos grupos de discentes, nos quais afloram os momentos ou períodos do processo histórico brasileiro, bem como outras categorias de análise, entre as quais: migração, relações sociais de produção, lugar, natureza, necessárias para análise da produção do espaço.

Contudo, reter-se-á o enfoque nas transformações ocorridas no território de Jataizinho no decorrer do tempo, especialmente por estar respaldado no discurso oral de pioneiros da ocupação/formação do espaço.

O primeiro momento ou período da organização do território nacional “[...] é marcado pelos tempos lentos da natureza comandando as ações humanas de diversos grupos indígenas e pela instalação dos europeus, empenhados todos, cada qual a seu modo, em amansar esses ritmos” (SANTOS



e SILVEIRA, 2001, p. 27). A nossa interlocutora, sujeito social de pesquisa, com base em sua subjetividade pautada na memória da sua experiência concreta, o expressa, da seguinte forma: “Chegando em Jataí<sup>4</sup> viu só mata e aldeias de índios, com muitos mosquitos.”

A presença de aldeias de índios vincula-se ao processo histórico de ocupação da área, ou seja, com a criação em 1853 da Colônia Militar de Jatahy e sua efetiva instalação em 1855, começa os trabalhos de “civilização” da população nativa do norte do Paraná com a inauguração do Aldeamento São Pedro de Alcântara sob a direção do Frei Timóteo de Castelnuovo, em 1855, o qual se localizava na margem oposta do rio Tibagi em relação a Colônia Militar. Observa-se que os primeiros nativos a fazerem parte do aldeamento forma os Kayoá, posteriormente, forma inseridos os Kaingang, denominado se Coroados, no final de 1858 (OLIVEIRA, 2002).

O outro elemento natural - a mata – que se encontra presente na memória do nosso sujeito social, se fazia sentir com intensidade na temporalidade do Frei Castelnuovo, pois “... tudo ainda estava para ser feito nas entranhas da mata virgem, a derrubada da mata, a construção do aldeamento, o contato com indígenas e seus costumes que lhe eram estranhos, a plantação das lavouras, o trato dos animais” (Ibid, p.16).

A outra ressalva da presença dos mosquitos demonstra o seu significado, na temporalidade vivenciada, visto que se referia, particularmente, ao transmissor da malária, o que provocou o óbito de parte importante da população, notadamente a infantil. Percebe-se que é a luta do homem para adaptar-se e adaptar a natureza à sua estrutura produtiva, atuando sobre o território na sua trajetória de existência.

Nessa temporalidade (tempo), a atividade do homem apresenta-se como sua atividade vital, e sua relação com o mundo concreto (natureza) não é refratária, pelo contrário, existe uma interação entre ambos no processo de trabalho, no qual o homem se naturaliza e, ao mesmo tempo, humaniza a natureza.

A atividade essencial, fundamental para alimentar a satisfação humana, pautada nas necessidades corporais básicas, configura-se na relação

simples de apropriação do natural pelo homem. É a ação humana direcionada a um fim, à produção de subsistência familiar. Para atingir o objetivo concreto da sobrevivência, o grupo familiar constituía-se no sustentáculo do trabalho humano, necessário para obtê-la. Tal fato é revelado da seguinte forma:

Nós vendíamos algodão e plantávamos um pouco para a gente comer, não comprava nada no mercado, tinha ovo, frango, frutas, só comprava roupas. Quem trabalhava na roça era eu e meu irmão, que agora mora em Campinas. Meu padrasto não era corajoso, eu e meu irmão pegávamos no pesado.

Contudo, apesar da essência do sofrimento advinculado ao embrutecimento do homem pelo trabalho braçal, o trabalho apresentava-se de forma sensível, útil, condição natural de existência humana, sendo comum o sentimento de satisfação por obter o objetivo almejado, a reprodução da existência vital, cristalizado nesta colocação: “[...] naquela época vivia-se num tempo de muita fartura, tinha de tudo para atender às necessidades da vida.”

As transformações advindas da ação do homem sobre o território estão vinculadas ao movimento de mudança e desenvolvimento dos meios de produção (técnica) de uma sociedade. Por conseguinte, o segundo momento da atuação da sociedade brasileira, sobre o território, pautou-se na busca de “[...] atenuar o império da natureza.” Essa busca materializa-se no espaço via cristalização do trabalho humano na produção do espaço social/produtivo com a construção dos meios de comunicação (ferrovias, portos, estradas). Como relembra a memória viva de Jataizinho, “[...] grande parte da mata que existia na região eu e o marido ajudamos a derrubar.”

A partir dessa afirmação é possível voltar-se para os primórdios da ocupação da área, como deixa claro Oliveira (2002, p.47):

Na segunda metade do século XIX o cotidiano das matas no interior do norte paranaense se vê alterado com maior intensidade pela ação e intenção dos homens ‘civilizadas’. Essa mudança era perceptível no som das machados forçosamente nas mãos dos escravos e colonos sob os troncos,

arrancando lascas das frondosas e centenárias árvores para edificação as casas, da igreja. Derrubada a mata, então o som da enxada do preparar a terra para o plantio.

Ao se avançar no tempo pode-se observar que será no início do século XX que se processou a 2ª fase de colonização do norte do Paraná, na qual, ocorreu a atuação direta da Cia de Terras Norte do Paraná (Inglaterra), Sociedade Colonizadora do Brasil S.A (São Paulo) e Nambei Tochi Kabushiki (Tóquio), tais empresas passaram a direcionar à organização do território via o loteamento de terrenos para a futura venda (PEREIRA, 2002). E com a construção da estrada de ferro em Jatahy, em 1932, está materializado no espaço as condições necessárias para o avançar da ocupação/produção do território do norte do Paraná. Por conseguinte, segundo Pereira (2002, p.17):

Jataí teve extrema importância para a efetiva colonização e progresso do norte do Paraná, tornou-se portal de entrada de muitas famílias que vinham de várias regiões do Brasil e do exterior, em busca do próprio pedaço de chão para plantar as sementes de um futuro melhor.

O desencadear das mudanças em Jataizinho, no transcorrer do tempo ganha força com um outro agente ativo, as olarias, que se constituíam em umas das poucas alternativas de trabalho para os migrantes do espaço rural, fomentando o processo de urbanização, bem como a devastação ambiental nas margens do principal rio do lugar – o Rio Tibagi.

Juntamente com essas transformações, o tecido social é envolto no processo de dissolução da ordem tradicional, com a penetração da lógica imposta pelo capital, fundamentada na racionalidade econômica. Dessa forma, o homem passa a ser considerado força de trabalho – uma mercadoria para a acumulação capitalista. E, como mercadoria, o trabalho passa a se apresentar de forma indiferenciada, destituído de seu valor concreto e útil, já que o que o trabalhador vende para o capitalista não é o seu trabalho, e sim a sua força de trabalho, trabalho alienado do seu executor. Pode-se visualizar essa transmutação nas seguintes palavras: “[...] as coisas mudaram muito hoje em dia, tudo está mais moderno, mais fácil,

mais rápido [...] mas a alegria que existia naquela época, tanto em trabalhar como em festejar, já não é a mesma, as pessoas hoje em dia estão cada vez mais frias e isoladas umas das outras.”

A imanente vontade de prosseguir da atividade humana aprofunda-se, no decorrer do tempo, especialmente com a imersão do meio técnico e, posteriormente, o meio técnico-científico-informacional. Contudo, o desenrolar do processo de desenvolvimento tecnológico no espaço nacional apresenta diversidade, em consequência das especificidades naturais, sócio-econômicas e culturais do território. Por conseguinte, o resultado é a formação de espacialidades desiguais do capital, conseqüentemente materializando o desenvolvimento sócio-econômico de forma desigual do espaço. Nesse contexto, a penetração intensiva do capital no agro nacional deu-se com base em um processo desigual de modernização.

Tal fato redundando no processo de expropriação do campesinato que buscou no espaço urbano a sua sobrevivência, ou seja, torna-se força de trabalho disponível no mercado de trabalho urbano. Na temporalidade passada, a luta do homem dava-se com o meio natural – força da natureza – para dominá-la e suprir suas necessidades vitais, na contemporaneidade, trava-se uma luta no mercado de trabalho – força humana – para continuar a sobreviver. Esse processo ganha vida no seguinte relato: “[...] para o agricultor é um tanto difícil com a agricultura precisando de adubo, veneno, trator, fica caro. Meus irmãos, casando, foram obrigados a sair do campo para a cidade atrás de emprego para o sustento da família.”

Atualmente, a residência da nossa memória viva – o sujeito social é da cidade de Jataizinho, pauta a sua sobrevivência na venda da sua força de trabalho como faxineira em uma clínica em Londrina (cidade que fica a 20 quilômetros de distância), e seu marido transformou-se em empregado agrícola temporário (volante ou bóia-fria).

A trajetória de vida dos sujeitos sociais, envoltos no processo de transformação do território nacional, ao atingir o período do meio técnico-científico-informacional, proporciona aclará-la via a subjetividade da percepção e a apreensão dessas transformações, cristalizadas no discurso oral – memória viva.

Assim, pode-se finalizar a presente análise, demonstrando a importância da utilização de trabalhos de campo, no ensino e pesquisa do espaço nacional, valendo-se da conclusão de grupo de acadêmicos, ao terminarem as suas análises do processo de modernização da agricultura brasileira alicerçada na teoria e na “prática andante de fazer Geografia”, ou seja, nas palavras do grupo: “[...] os 20 alqueires iniciais pertencentes ao seu avô foram, junto ao processo histórico de expropriação das famílias camponesas, transformados em suprimentos para a necessidade ao longo deste tempo – sobrando apenas lembranças e cicatrizes.”

Percebe-se que, na busca da união teoria-prática, obteve-se o resultado almejado, no momento em que ao se trabalhar com um tópico das transformações do território nacional, a modernização da agricultura, os discentes apreenderam as contradições desse processo via a trajetória de vida de um ator social.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A técnica de memória viva constitui-se em uma experiência que se mostra importante para o processo de reconstrução do conhecimento, porque estimula o desenvolvimento de certas habilidades, como as de observar, descrever, analisar, julgar e sintetizar os objetos geográficos no decorrer do processo histórico das transformações do espaço geográfico. Por outro lado, os resultados da técnica demonstraram ser esta uma atividade que entusiasma os alunos e traz a possibilidade de criar vínculos entre professores-alunos-comunidade. Permite sair da esfera do individual e caminhar para a esfera do coletivo, na busca da interdisciplinaridade.

A experiência, ensejada na realização de um trabalho de campo interdisciplinar, demonstra a importância de se trabalhar ancorado na realidade concreta, porque se tomando por base a vivência empírica emergem as transformações sócio-espaciais, as quais podem ser apreendidas pelas várias abordagens que fundamentam o ensino-aprendizagem do futuro profissional de Geografia. Nota-se que essa experiência proporcionou o desenvolvimento do pensamento crítico com um resultado profícuo, principalmente por atingir a aproximação da teoria com a prática sob a ótica interdisciplinar.

Dessa forma, reafirma-se a importância da utilização do trabalho de campo no ensino de Geografia, seja do ensino superior, médio ou fundamental. Entretanto, o pensamento crítico deve ser desenvolvido na formação acadêmica, ou no ensino superior, uma vez que é por meio dele que sairão os futuros profissionais que irão atuar nos demais níveis.

### NOTAS

1 Como era conhecida a cidade de Jataizinho em 1924. Salienta-se que os depoimentos dos sujeitos de pesquisa que serão utilizados na presente análise foram coletados junto aos textos produzidos pelos alunos que faziam parte do desenvolvimento da disciplina Geografia do Brasil (2002). Esses depoimentos – discurso oral – são o fruto da transcrição das fitas cassetes gravadas nas entrevistas, realizadas no trabalho de campo.

### REFERÊNCIAS

- BATILANA, A. et al. *Relatório de trabalho de campo*. Londrina: UEL, 2002.
- BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. *Estratégias de Ensino-Aprendizagem*. 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CALVENTE, M. del C. M. H. O conhecimento, o meio e o ensino de Geografia. In: CARVALHO, M. S. de (org). *Para Quem Ensina Geografia*. Londrina: UEL, 1998. p. 82-102
- CETESB – Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental. *Educação e Participação*. São Paulo: CETESB, 1986.
- FERRACIOLI, E. L. et al. *Relatório de trabalho de campo*. Londrina: UEL, 2002.
- GATAS, A. C. *Braços da Resistência. Uma História Oral da imigração espanhola*. São Paulo: Xamã, 1996.
- GAUDIANO, E. G. *Educación Ambiental – Historia e conceptos a veinte años de Tbilisi*. Mexico: Sistemas Técnicos de Edición, 1997.
- KERSTEN, M. S. de A. *Os Rituais de Tombamento e a Escrita da História*. Curitiba, 1998. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História. Universidade Federal do Paraná.
- KINCHELOE, J. L. *A Formação do Professor como Compromisso Político – mapeando o pós-moderno*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARCOS, E. et al. *Relatório de trabalho de campo*. Londrina: UEL, 2002.

OLIVEIRA, M do C. P. *A Colônia Militar de Jataí e o aldeamento São Pedro de Alcântara: A relação com a Guerra do Paraguai*. 2002. Monografia (Bacharelado de História) – Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

PEREIRA, M do C. S. *Breve histórico do município de Jataizinho*. Jataizinho, Prefeitura Municipal de Jataizinho, 2002.

REIS, J. C. dos. *Estudo de uma comunidade pioneira no Norte do Paraná: 1950 - 1985*. Assis, 1988. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História. Universidade Estadual Paulista.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, A. M. R. da. Trabalho de Campo: prática “andante” de fazer Geografia. *Revista do Departamento de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 61-74, 1º semestre de 2002.

URRÚTIA, E. P. I. *Psicologia del Medio Ambiente*. Barcelona: Oikos-tau, 1981.